# Jack Cottrell - A Alma Humana É Inerentemente Eterna?

- Imprimir

Categoria: Jack Cottrell
Publicado: Terça, 23 Dezembro 2014 13:33
Acessos: 1368

**PERGUNTA**. Ouvi um ancião de uma igreja local comentar que ele acreditava que nossos espíritos são eternos, que eles estiveram no céu antes de nascermos e nos foram dados no momento da concepção. Será que a Bíblia tem algo a dizer sobre isso?

**RESPOSTA**. O primeiro texto que vem à mente é 1Tm 6.16, que diz que só Deus "tem a imortalidade." Ser eterno é ser inerentemente imortal, e só Deus possui essa qualidade. Assim, ser eterno é ser Deus ou igual a Deus. A visão deste ancião é absolutamente falsa.

Que o espírito humano (ou alma) é eterno é uma das heresias mais comuns em todo o mundo, e é parte da essência do dualismo pagão. Por exemplo, fazia parte da religião e da filosofia grega antiga (por exemplo, Platão). Esta visão nega a diferença qualitativa entre o Criador e a criatura (confira Rm 1.25), que é um das mais fundamentais de todas as verdades. Até mesmo os mórmons não vão tão longe. Eles dizem que os nossos espíritos pré-existiam no céu, mas vieram à existência através da cópula entre Javé e sua esposa antes de nascermos neste mundo dentro de um corpo físico.

Discuti este assunto no meu livro *The Faith Once for All*, 147-149. O que segue aqui é uma seção do capítulo seis desse livro, "A Criação Visível: A Natureza do Homem." A seção é intitulada, "O Homem É Inteiramente uma Criatura."

Dizer que o homem é inteiramente uma criatura significa que tanto o corpo quanto o espírito foram criados por Deus. A doutrina da criação *ex nihilo* é exclusiva à Bíblia; portanto a doutrina do homem como um ser criado é exclusiva às Escrituras também. Em quase todas as visões do mundo não-bíblico, pelo menos uma parte do homem é eterna. No monismo materialista toda a matéria é eterna; o homem é simplesmente um estágio no eterno processo de evolução de coisas eternas. No monismo espiritualista (por exemplo, o Hinduísmo) o corpo geralmente não é nem mesmo considerado como real, e o espírito é uma parte de ou se identifica com o espírito divino e eterno. O dualismo pagão geralmente considera a matéria – e, portanto – o corpo, como real, mas como mau e temporário, embora considera o espírito como eterno e muitas vezes divino. Contra todas essas falsas doutrinas, a Bíblia afirma a plena condição de criatura do homem. Somente Deus é eterno, imortal e não criado (Jo 1.3; Rm 1.25; 1Tm 6.16).

Apesar desta afirmação bíblica clara, não é incomum aos cristãos sinceros assumirem de forma ingênua que a alma ou espírito é uma centelha divina ou um pedacinho de Deus, e de alguma forma inerentemente eterno e imortal e até mesmo divina. Aludindo a Gn 2.7, Alexander Campbell disse: "Senhor, que é o homem? Tua própria descendência, criado a partir do pó da terra, inspiraste com uma porção do teu espírito." Assim, o homem tem "algo em comum com Deus;" há "uma divindade ativa dentro dele" (de seu "Discurso sobre Faculdades," em *The Millennial Harbinger*, fevereiro de 1854). C. C. Crawford (*Curso de Pesquisa na Doutrina Cristã*, I:142-143) disse que o corpo do homem "era uma criação divina; ao passo que o espírito, que foi soprado dentro dele, era um dom divino." Em Gn 2.7, Deus implanta um espírito no corpo, "abaixando-se e colocando os lábios e narinas sobre a forma inanimada que ele havia criado, e em seguida expelindo uma parte infinitesimal de Sua própria essência nele." Outro escritor diz que, à luz de Gn 2.7, a alma deve sobreviver à morte, porque "ninguém pode destruir a parte-Deus"!

Outros dentro do amplo escopo da Cristandade dizem que o homem não foi *criado* divino, mas de alguma forma *se tornará* divino, como o clímax do processo de salvação. Esta ideia está no cerne da doutrina mórmon da salvação, e aparece ocasionalmente em círculos mais ortodoxos. Textos como Fp 3.21 e 1Jo 3.2, que dizem que na ressurreição seremos semelhantes a Cristo, são mal aplicados à sua natureza divina do homem ao invés de à sua natureza *humana* glorificada. Outro texto diz que nos tornamos "participantes da natureza divina" (2Pe 1.4), mas isto se refere a nossa unidade ética com Deus, não a uma participação na essência divina. Isto é, nós compartilhamos seus atributos *comunicáveis*, tais como santidade, amor e paciência (veja 1Pe 1.15-16).

A própria noção de que criaturas finitas poderiam adquirir os atributos de infinidade é ilógico e impossível. Somente o Deus-Criador transcendente é e pode ser infinito. Criaturas não devem nem desejar, nem esperar "escapar" de sua finitude, como se isto fosse algum tipo de prisão não natural. Nem a morte, nem a salvação nos leva automaticamente a adquirir algum atributo que pertence exclusivamente ao Criador infinito. Quando morremos, não "entraremos na eternidade," no sentido que não mais estaremos limitados pelo tempo, nem vamos "conhecer

plenamente" (veja 1Co 13.12) para, de alguma forma, nos tornarmos oniscientes. Somos finitos agora e seremos finitos para sempre. (Sobre 1Co 13.12, veja meu livro, *Power from on High*, 460-464).

Pensar na essência do homem como divina em algum sentido, seja pela criação ou pela salvação, é uma das doutrinas falsas mais graves. Ela acaba com a distinção entre Deus e o homem, entre o Criador e a criatura. Ela coloca o homem no mesmo nível que Deus, o que é a tentação mais básica (Gn 3.5). É o cúmulo da presunção e arrogância, o epítome do orgulho pecaminoso. Ela ou deprecia a Deus ou super eleva o homem. Ela destrói a singularidade de Cristo e sua encarnação. Nada sobra do verdadeiro Cristianismo. Veja o meu livro, *God the Creator*, 151-154.

Dizer que o espírito ou alma não é divino, mas ainda assim inerentemente imortal, não é muito melhor. Esta ideia também é pagã, não bíblica. Ela nega a completa condição de criatura do homem e a exclusiva eternidade de Deus. Logicamente, ela torna o homem igual a Deus, visto que tudo que é eterno é na verdade divino: Deus é "o único que possui imortalidade" (1Tm 6.16).

O conceito de imortalidade inata tem levado a falsas ideias sobre o castigo eterno. Alguns têm dito que Deus criou o inferno, não porque a santidade divina o exige, mas porque as almas dos ímpios são indestrutíveis e necessitam existir *em algum lugar* por toda a eternidade. Outros têm reagido a esse erro ensinando um erro ainda mais grave. Eles corretamente negam a necessária imortalidade da alma, mas eles então declaram que esta falsa ideia foi o que, em primeiro lugar, levou alguns na igreja primitiva a inventar a ideia de punição eterna, uma doutrina que eles dizem que não é realmente ensinada na Bíblia. Assim, eles negam o castigo eterno, crendo que a sua refutação da doutrina da "alma imortal" removeu a base para ela. Exemplos desta abordagem são as Testemunhas de Jeová e os Adventistas do Sétimo Dia, que não negam apenas a imortalidade da alma, mas a sua própria existência; e escritores do Movimento de Restauração, como Curtis Dickinson, Russell Boatman e Edward Fudge.

É verdade que, uma vez que a alma não é menos criada do que o corpo, todo o ser é perecível e destrutível. A alma é tão capaz de ser aniquilada e retornar à não-existência quanto o corpo, mas isso não significa que *deve* fazê-lo. O fato é que a alma *não* passa para a não-existência na morte ou em algum momento mais tarde, e isto é simplesmente a vontade e plano de Deus. Embora capaz de perecer, a alma não perece com a morte física, mas continua a existir na ausência temporária de um corpo físico, nem é a alma do pecador aniquilada junto com um corpo ressuscitado após um período finito de punição no inferno. Após a ressurreição, o corpo e a alma reunidos existirão para sempre no céu ou no inferno, não por necessidade, mas por escolha de Deus.

Aceitar a divindade ou a imortalidade necessária da alma conduz a um falso contraste entre a alma e o corpo, com uma elevação indevida da importância da alma quando comparada ao corpo. Isso leva à ideia de que a alma ou espírito é a única parte valiosa do homem, a única parte real e autêntica, a única parte que conta. É verdade que a alma ou espírito é relativamente mais importante que o corpo, visto que ela é o aspecto do homem que é à imagem de Deus. Também é verdade que este corpo presente está sob a maldição do pecado e da morte, e deve ser redimido (Rm 8.23). Mas a ideia de que o corpo é *por natureza* um expediente temporário e infeliz, enquanto a alma ou espírito é *por natureza* incriado e eterno, é também falsa.

Tradução: Cloves Rocha dos Santos

Fonte: http://jackcottrell.com/uncategorized/is-the-human-soul-inherently-eternal/